

FAZENDO

GÊNERO

ANO II Nº 03 MAIO/98

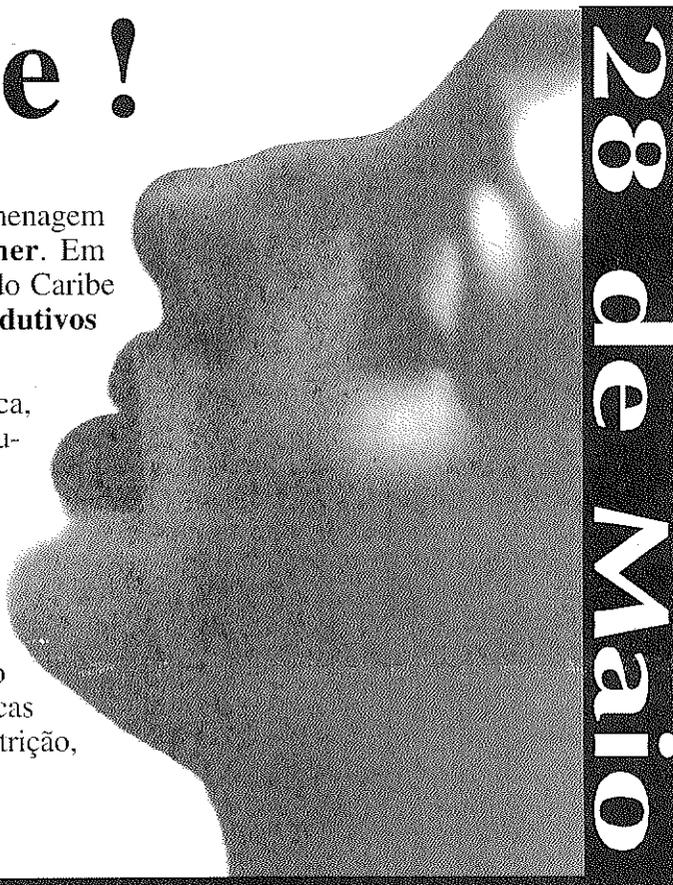
Às mulheres, saúde !

Esta edição do *Fazendo Gênero* é dedicada à saúde das mulheres. É uma homenagem ao 28 de Maio - **Dia Internacional de Ação pela Saúde da Mulher**. Em comemoração à data, a Rede de Saúde da Mulher Latino-americana e do Caribe lança este ano a campanha "**Pelo Exercício dos Direitos Sexuais e Reprodutivos - Pelo Acesso à Atenção à Saúde de Qualidade**".

A data, hoje reconhecida por muitos países, foi lançada oficialmente na Costa Rica, em maio de 1987, durante o V Encontro Internacional de Saúde da Mulher, quando iniciou-se uma campanha contra a mortalidade materna.

Como proposta do Encontro a cada ano em vários países é iniciada uma campanha de promoção da saúde das mulheres. Grupos feministas de todo o mundo e redes internacionais e nacionais que trabalham com a saúde da mulher realizam debates, seminários, encontros, passeatas e eventos culturais.

São ações que buscam a melhoria da qualidade de vida das mulheres - que ao longo da história não têm recebido a devida atenção às suas especificidades previstas nas políticas públicas de saúde. Elas ainda sofrem com a desestruturação dos serviços de saúde, a desnutrição, a discriminação de gênero e o acesso restrito à educação.



Viagem na Informação

Pensou em saúde e sexualidade? Pensou CEI. Pensou em um lugar certo para fazer sua pesquisa.

Conheça o Centro de Estudos e Informação (CEI) do Grupo Transas do Corpo. Ele se destaca por ser o único centro de documentação do Centro-Oeste especializado nessa área, oferecendo um sistema automatizado de consulta e um acervo amplo e atualizado com mais de 3.300 documentos. O CEI foi implantado em 1993 e dispõe de uma biblioteca, videoteca e hemeroteca.

Venha e aproveite a promoção do CEI: a cada quatro fitas locadas, uma é de graça. Informações: (062) 241-9257.

Transas e UCG promovem curso de Educação Sexual



Alunas participam de uma vivência de grupo

Resultado de uma parceria inédita, o Grupo Transas do Corpo e a Universidade Católica de Goiás promovem, em Goiânia, o III Curso de Extensão "*Educação Sexual não Sexista*", que teve início no dia 25 de março. Participam profissionais e estudantes das áreas de ciências

humanas e biológicas da Capital e do interior do Estado.

O curso se estende até julho, totalizando uma carga horária de 60 horas - quatro horas semanais. Através de textos, explicações, exibição de vídeos, dinâmicas, discussões e debates, as aulas transcorrem de forma bastante interativa. Constam na programação, coordenada pelas profissionais do Transas do Corpo, os temas Educação Sexual, Relações Sociais de Gênero, Políticas Públicas de Saúde, Sexualidade, Estilos de Vida Sexual, Violência Doméstica, DST/Aids, Direitos Sexuais e Reprodutivos, entre outros assuntos.

Os objetivos centrais do curso são desenvolver a Educação Sexual com enfoque nas relações sociais de gênero, e contribuir para a formação de profissionais, implementação de projetos e fomentação de pesquisa nesta área. Este é terceiro ano consecutivo que o Transas do Corpo, em parceria com outras instituições de ensino, promove o curso de extensão. Durante este período tem recebido o apoio da Fundação MacArthur.

Como resultado destes cursos de extensão vários projetos de Educação Sexual estão sendo desenvolvidos no Estado de Goiás.



Fazendo e acontecendo pelas mulheres

1987: Sem dúvida um ano de grandes iniciativas. Foi quando lançou-se o Dia Internacional de Ação pela Saúde da Mulher, em 28 de Maio. Foi quando também nasceu o Grupo Transas do Corpo - em 23 de Março. Uma época em que os direitos das mulheres eram quase que exclusivamente uma luta do movimento feminista. Uma época em que não se falava tanto e com tamanha abertura e profundidade como agora sobre seus direitos sexuais e reprodutivos.

1998: Transcorridos onze anos, o Grupo Transas do Corpo - uma organização não-governamental - segue em frente com o firme propósito de continuar promovendo os direitos das mulheres, dentro de uma perspectiva de gênero, através de ações educativas em saúde e sexualidade.

Criado por quatro mulheres, trabalhadoras das áreas de saúde e educação, a organização objetiva implementar e reforçar as ações referentes à saúde da mulher, aos direitos reprodutivos e à educação sexual. Através de assessorias, cursos, pesquisas, seminários, produção de materiais educativos e outras atividades, o Grupo conquistou, dentre muitas outras coisas, um importante papel na informação e formação das pessoas acerca dos direitos das mulheres, e na formulação de políticas sociais não-sexistas.

Dentre as inúmeras realizações do Transas do Corpo destacam-se os projetos "Educação Sexual Não Sexista - um estudo para a alegria de viver" (implantado entre os anos de 93 a 95) - que capacitou professores da rede estadual de ensino; o Fala Teen e o Parcerias (de 1997) - ambos dirigidos para o público adolescente. Estes dois últimos convidavam jovens de 12 a 17 anos para um papo sobre educação sexual, aids e drogas. O Transas do Corpo tem também coordenado desde 1996 cursos de extensão "Educação Sexual Não Sexista". O apoio financeiro de organizações nacionais e internacionais tem sido fundamental na execução destes projetos.

Finalmente, ao propor uma metodologia participativa de trabalho e ao constituir-se em instrumento de pressão junto a outras organizações da sociedade para o cumprimento dos direitos humanos, o Transas do Corpo vem fazendo diferente. Por isso, acontecendo com grande êxito.

Nas malhas do sexo

Lenise Santana Borges*

A sexualidade neste final de século tem sido alvo de infindáveis debates e discussões. Podemos dizer que nunca se falou tanto de sexo como agora. Qualquer que seja o meio de comunicação (tv, jornal, revista) está lá o assunto do dia. Temas como homossexualidade, assédio sexual, educação sexual e práticas de sexo seguro se tornaram temas mais do que badalados pela mídia nos dias atuais. Diferentemente de outras épocas - em que eram considerados proscritos, malditos, invisíveis -, eles habitam o cotidiano de qualquer ser com um mínimo de conexão com o mundo.

Nada para se estranhar, afinal o mundo dos anos 90 é composto de elementos culturais, econômicos e sociais diferentes de outros momentos da história. A sexualidade como nós a entendemos é perpassada por estes significados que são dinâmicos, plurais e históricos. Hoje percebemos que noções rígidas e cristalizadas sobre o comportamento humano, especialmente os ligados à sexualidade, encontram muita dificuldade de serem sustentadas.

A sexualidade abrange uma ampla e complexa variedade de significações e está longe de ser algo linear e previsível como alguns querem levar a crer. A idéia de que a sexualidade é regida por um único determinante e que existem verdades absolutas em relação a ela tem sido intensamente bombardeada. Há que se entender que o motivo para tanta discussão, produção teórica e proliferação de discursos sobre o tema se justifica pela íntima relação entre sexualidade e poder.

A sexualidade tem servido ao longo dos séculos como instrumento de domínio e repressão, produzindo formas de transmissão de tabus e preconceitos que servem aos que dominam e oprimem sexualmente os outros, sejam eles indivíduos, instituições ou a própria sociedade.

Este processo permeia a nossa história e tem sido repetidamente ensinado de pai para filho, através do que se chama educação autoritária. Uma das formas de expressão deste poder é a compartimentação do sexo, em termos de sexo-verdade e sexo-

prazer. O sexo verdade é aquele que se declara monogâmico, heterossexual, reprodutivo e conjugal. O sexo-prazer é aquele que foge a estes preceitos. Aqueles que fogem a estas regras serão considerados transgressores da lei, desordeiros. Desta forma percebemos que a sexualidade na

desigualdade social entre homens e mulheres. Na perspectiva biológica, o que é dado pela natureza é imutável, enquanto na perspectiva da cultura há a possibilidade de vislumbrar a sexualidade como algo dinâmico, sempre em transformação, o que a torna um direito de cada



nossa sociedade está construída e organizada para casais heterossexuais. Homossexuais, mulheres solteiras e homens solteiros são anomalias - estão fora da ordem.

No nosso entendimento a concepção de poder transcende o entendimento estático de dominação; em que um domina e o outro é dominado. O poder não é monolítico, ele se faz presente em muitas instâncias do tecido social, sendo exercido em várias direções. Sendo assim ele não apenas nega, impede, restringe, ele também produz resistências e questionamentos.

Através das vozes emanadas pelos movimentos Gay e Feminista, tem-se construído uma produção social e cultural que aponta para modos de ser e de agir que se contrapõem às "verdades" estabelecidas pelo modelo hegemônico.

Dentre os modelos dominantes em sexualidade, encontramos a abordagem biologicista/naturalista, na qual diferenças de comportamentos entre homens e mulheres são explicadas através de características biológicas; modelo esse que termina por reforçar a

indivíduo, como também uma conquista.

É dentro deste enfoque que defendemos a construção de uma ética sexual que se baseie no respeito por si e pelo outro, a partir do desenvolvimento de possibilidades e da experiência de cada indivíduo - que define para si o que pode o que não pode, no sentido de exercer esta mesma sexualidade para ser feliz.

* Lenise Santana Borges é psicóloga e fundadora do Grupo Transas do Corpo

FAZENDO GÊNERO

Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Rua 137 esq. c/ Av. 85, nº 556, Edifício da Moda, salas 301/303, Setor Marista, Goiânia-GO. Cep: 74.170-120. Fone: (062) 241-9257. Fone/fax: 241-9617. E-mail: Transas@nutecnet.com.br

EQUIPE:

Eliane Gonçalves - Educadora e sanitária

Gelva M. M. Costa - Assistente social

Joana Plaza Pinto - Lingüista

Kemle S. Costa - Nutricionista e sanitária

Lenise S. Borges - Psicóloga e sanitária

Rurany E. Silva - Assistente social e sanitária

Apoio: Fundação MacArthur e Projeto Shell

Jornalista responsável: Maria Glória (831/04/120v)

Editoração: Carla de Abreu (223-0566)

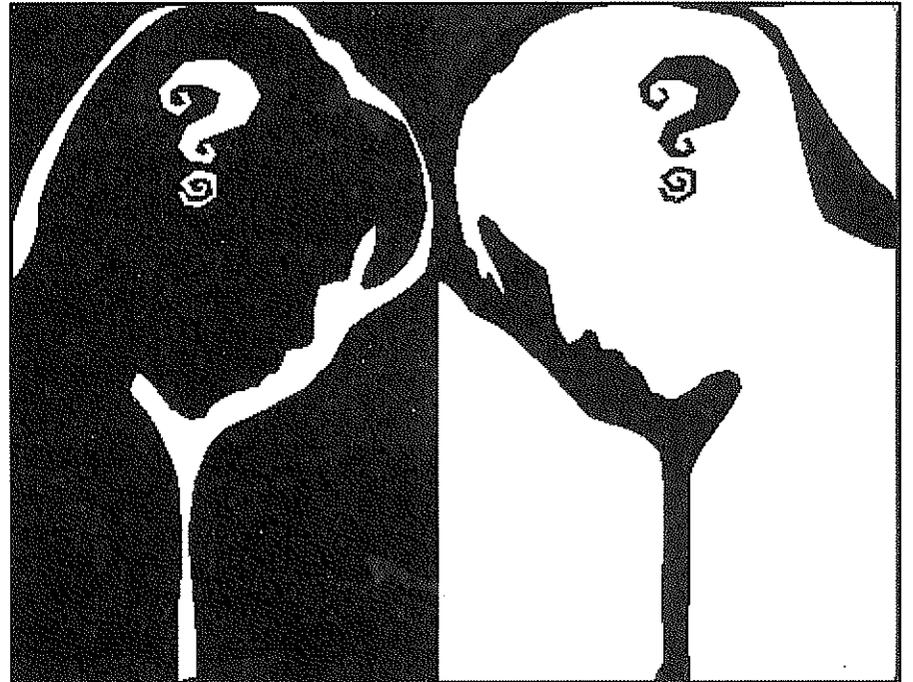
Com que método eu vou?

Falar da saúde da mulher é falar também de direitos sexuais e reprodutivos - estes inseparáveis e inalienáveis dos direitos básicos, como saúde, educação, alimentação e moradia.

Os direitos sexuais e reprodutivos incluem questões como o acesso à anticoncepção segura e efetiva. De olho neste preceito o *Fazendo Gênero* traz a partir deste número uma sessão especial sobre métodos contraceptivos. Quando este é o assunto sempre surge aquela pergunta: Qual método é mais seguro e o mais isento de efeitos colaterais? Infelizmente não existe um que garanta 100% de eficácia, mas alguns chegam bem próximos.

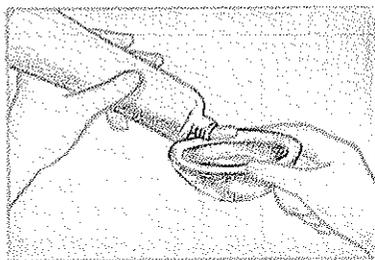
Além de observar as questões de eficácia, riscos e contra-indicações, há outros fatores importantes a considerar na escolha do método anticoncepcional. O seu sucesso poderá depender também do grau de confiança e motivação depositado nele. Agora uma dica: é recomendável que o método se adapte ao ritmo de vida sexual da mulher.

Nesta edição e na seguinte informações sobre métodos contraceptivos denominados "de barreira": **diafragma e camisinha**. Por que essa denominação? Porque estes métodos formam uma barreira na entrada do útero, impedindo a passagem dos espermatozoides.

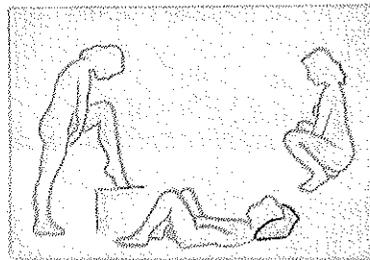


DIAFRAGMA

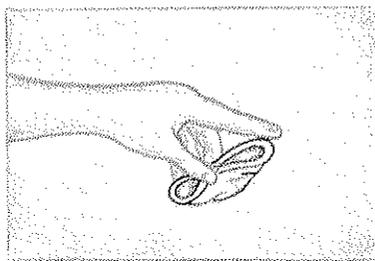
1 Colocar uma colherinha de espermicida no fundo do diafragma e espalhar. Depois, mais um pouquinho por fora, inclusive no anel.



2 Escolher uma posição confortável.

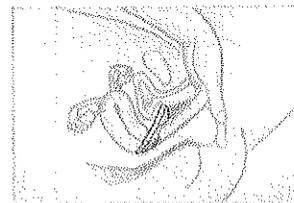


3



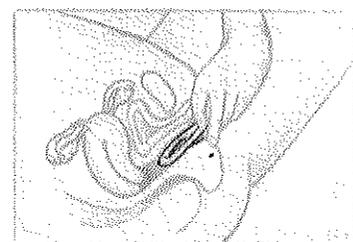
3 Pegar o diafragma pelas bordas e apertá-lo no meio, formando um oito.

5



5 Verifique se ele está bem colocado: toque com o dedo o colo do útero. Assim, pode-se perceber se ele está inteiramente coberto pelo diafragma.

4



4 Com a outra mão abrir os lábios da vulva e introduzi-lo profundamente no fundo da vagina.

6



6 Se estiver fora do lugar, deve-se retirar o diafragma e colocá-lo novamente, até acertar. Para retirá-lo basta engancher o dedo na borda e puxá-lo para baixo e para fora.

(Fonte: Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, IDAC e SOS Corpo)

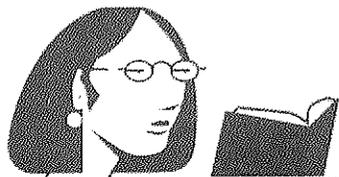
É uma espécie de concha de borracha fina, com um anel flexível na borda, que a mulher coloca dentro da vagina antes da relação sexual. O diafragma cobre o colo do útero, impedindo a passagem dos espermatozoides. Pode ser usado com um creme espermicida - que atua como uma *barreira química*, matando os espermatozoides. Para cada mulher existe um tamanho diferente de diafragma. Seu uso, portanto, terá que ser feito sob orientação de um profissional de saúde.

IMPORTANTE

- Deve ser usado em todas as relações sexuais.
- Pesquisas demonstram o uso eficaz sem espermicida.
- Se preferir pode usá-lo permanentemente, retirando-o uma vez por dia para sua higiene.
- Só pode ser retirado de seis a oito horas depois da última ejaculação.
- Deve receber cuidados higiênicos especiais, como lavar com água fria e sabão neutro após seu uso, secar com um pano macio, guardar em seu estojo longe do calor e da luz.
- É necessário medi-lo depois da gravidez, aborto, mudança de peso (mais de 5 kg) e operação de perúneo; e trocá-lo se a borracha apresentar qualquer alteração.
- É contra-indicado para mulheres que nunca tiveram relação sexual.

VANTAGENS

- Ajuda a mulher a conhecer seu próprio corpo.
- É seguro se usado corretamente, apresentando um eficácia de até 98%.
- Pode ser colocado antes da relação sexual.
- Usando espermicida pode proteger contra doenças sexualmente transmissíveis.



O que rola . . .

04 a 22 de maio:

7º Programa de Estudos em Saúde Reprodutiva e Sexualidade, em Campinas/SP. Realização: Núcleo de Estudos de População (Nepo) da Unicamp. Informações: (019) 788-3104.

1º a 19 de junho:

Metodologia de Pesquisa - Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva, em Campinas/SP. Realização: Nepo/Unicamp. Informações: (019) 788-8570.

5 a 7 de junho:

2º EDUCAIDS, em São Paulo/SP. Realização: APTA. Informações: (011) 3666-6699.

6 e 7 de agosto:

III Seminário Nacional A Comunidade Afro-Brasileira e a Epidemia de HIV/AIDS, no Rio de Janeiro/RJ. Realização: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA). Informações: (021) 224-1654.

28 a 31 de outubro:

IX Congresso Latino Americano de Sexologia e Educação Sexual, na cidade do México/DF/México. Realização: Federação Mexicana de Educação Sexual e Sexologia (FEMESS). Informações: (52-5) 604-9922.

Criada rede de educação sexual em Goiás

As estratégias para garantir a implantação e implementação da educação sexual nas escolas de Goiás estão sendo articuladas por um rede de profissionais ligados ao tema. Esta foi uma das definições do *I Encontro de Educação Sexual do Estado de Goiás*, realizado em novembro de 1997, em Goiânia. Iniciativa do Grupo Transas do Corpo, o evento objetivou reunir e avaliar as experiências na área, bem como traçar novos caminhos para a educação sexual.

Participaram do encontro mais de 200 pessoas, entre estudantes e profissionais das áreas de saúde e educação de Goiás e alguns outros Estados. Na programação constou a realização de conferências, debates, oficinas de vivências, mostra de vídeos e apresentação de experiências na área de educação sexual.

Os conferencistas foram Naumi de Vasconcelos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Neide Nogueira, representante do MEC; Silvani Arruda, diretora da ECOS; e Marcos Ribeiro, da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana/RJ.

Fotos: Arquivo



Marcos Ribeiro (acima, à esq.) e Naumi de Vasconcelos (ao lado): conferencistas do Encontro

Conferência discute a saúde da mulher

As propostas de saúde para a mulher. Elas foram aprovadas durante a realização da *I Conferência Municipal de Saúde da Mulher*, realizada em Goiânia, nos dias 12 e 13 de março. Reunidas em um documento, as sugestões foram encaminhadas para a IV Conferência Municipal de Saúde, que aconteceu entre os dias 10 e 12 de maio.

As propostas foram sistematizadas por grupos de mulheres, assim divididos: "Saúde Materna - Humanização e Assistência", "Direitos Sexuais e Reprodutivos - Relações de Gênero", "Mulher e Aids", "Violência Contra a Mulher", "Mulher e Saúde Mental" e "Doenças Profissionais na Mulher".

Algumas das propostas aprovadas: Funcionamento pleno do PAISM nas secretarias Estadual e Municipal de Saúde; estimular a criação de casas de parto humanizado; assegurar a realização do serviço de aborto, na rede pública, nos casos previstos em lei; garantir o funcionamento dos Comitês de

Mortalidade Materna com a participação do movimento organizado de mulheres; oferecer às gestantes o teste "Elisa" (detecta a presença de anticorpos contra o vírus HIV no sangue); promover campanhas educativas contra a Aids direcionadas às mulheres.

E ainda: garantir que os postos de saúde atendam e registrem os casos de mulheres vítimas de violência; criar a comissão de saúde mental para acompanhamento das internações; implantar na rede pública programas de atenção à saúde mental da mulher; aplicar a legislação de Higiene e Segurança do Trabalho nos ambientes de trabalho público nos níveis federal, estadual e municipal.

